

IMPLICAÇÃO COMPREENSIVA (cont.) 2

Afonso Fonseca, psicólogo.

(...)

1. O EXPLICATIVO I. *Consciência Reflexiva.*

*Representação – re-apresentação. A consciência no modo teórico de sermos. A Consciência no modo de sermos do **espectador**.*

Na condição do nosso modo **explicativo** de sermos vigoram a condição e a consciência do **espectador**. No modo **implicativo** de sermos somos ativos, somos *atores*, especificamente. No modo implicativo vivenciamos a condição de **ator**.

Isto porque, no modo implicativo de sermos, implicativa, e compreensivamente, vivenciamos *possibilidades*, e o desdobramento compreensivo intrínseco dessas possibilidades. Que é a **ação** propriamente dita. No modo implicativo de sermos, somos, portanto, *atores*, especificamente.

No modo *explicativo* de sermos somos espectadores, não somos atores. Porque o modo explicativo de sermos não é o modo de sermos em que vivenciamos a ação. Não é o modo de sermos em que vivenciamos possibilidade, e o desdobramento, em ação, de possibilidades. No modo explicativo de sermos, somos espectadores. E é isto exatamente que é o significado de *teórico. A contemplação*.

A ação no modo implicativo de sermos é o processamento do *acontecer*. É o *Acontecer*.

Em seu *decaimento* (Heidegger) no percurso do acontecer, a possibilidade perde em força de possibilidade, e se coisifica paulatinamente, *cura* (idem), à medida em que constitui a *coisa*. A *coisa*, o *ente*, é o *acontecido*. O *passado*.

Na experiência e experimentação do modo de sermos implicativo, do acontecer, da ação, não vivenciamos a fragmentação da dicotomia sujeito-objeto. No modo de sermos, acontecido, do explicativo, o ente, a coisa constituída, se constitui como objeto, e podemos contemplá-la como sujeito. O conhecimento, neste caso, já não é mais vivencial, implicativo, ativo. Mas é teórico, explicativo, representativo, *reflexivo*.

Na medida em que um sujeito re-flete, re-incide, re-pete, sobre a *possibilidade acontecida*, sobre o acontecido, constituído e instalado como *coisa*, como objeto – constituído e instalado como ente, como coisa, do mundo material; ou como, ente, coisa, e objeto, psicológico (Buber^[1] diria que o *conceito* é o *'isso' do pensamento*) --, a possibilidade já não se apresenta, original e originariamente, no seu desdobramento. Mas se *re(a)presenta, reflexivamente*, como coisa material, ou conceitual. Agora já

não mais no desdobramento de sua vivescência potente, como acontecer, mas como coisa, acontecida, como ente, como objeto. Não mais como possível, possibilidade, potente, em desdobramento, no vir a ser da ação.

De modo que o modo explicativo de sermos, é o modo teórico de sermos; é o modo de sermos da reflexão, e da representação. Ou seja, re-apresentação. É o modo não implicativo de sermos.

2. O EXPLICATIVO II. Comportamento

O modo comportamental de sermos; a dimensão da atividade padronizada e repetitiva; a desconscienciação;

Além do modo teórico de sermos, o modo não implicativo de sermos, o modo *explicativo* de sermos, comporta também o *comportamento*.

Com a particularidade de que, a atualidade, a ação, a presença, pré-reflexivos, do modo implicativo de sermos; e a reflexão, do modo teórico de sermos, se constituem, ambas, como formas de consciência. Formas distintas de consciência: num a consciência implicativa, pré-reflexiva, do ator, no outro a consciência explicativa, reflexiva, do espectador. Mas formas de consciência.

Num, no modo implicativo de sermos, a compreensão como modo de consciência característico da ação. A consciência fenomenológico existencial, e dialógica, desproposita. No outro, no modo explicativo de sermos, a consciência teórica, conceitual, reflexiva, e representativa, proposital, do espectador.

No caso do modo explicativo de sermos do comportamento, o que caracteriza o não é uma forma de consciência; mas, mais propriamente, uma forma de *desconscienciação*. Na medida em que o que em sua essência o que caracteriza o comportamento é *a atividade padronizada e repetitiva*. Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, portanto, menos consciente.

Junto com esta desconscienciação, à medida em que se desenvolve o caráter padronizado e repetitivo da conduta, o comportamento, *ex-plicativo*, não é o modo de sermos da ação. Porque não é a implicação vivencial, impregnada de consciência pré-reflexiva, que se dá como desdobramento de possibilidades, na performance da ação.

O comportamento é *explicativo* porque ele se dá fora do modo implicativo de sermos.

3. IMPLICATIVO I. Ação. A consciência do Ator.

Consciência Vivencial Pré reflexiva, e pré comportamental, fenomenológica, existencial, e dialógica. A consciência no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos; Ação -- a consciência, a vivência fenomenológica, experiência e experimentação do ator;

Dilthey[2] distingue a **consciência compreensiva**, da **consciência explicativa**; a **compreensão** – como **vivência** -- da **explicação**; os modos de sermos da **interpretação compreensiva** e o modo de sermos da **interpretação explicativa**.

O modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, é, própria e especificamente, **compreensivo**. Isto quer dizer que, no modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, a vivência do desdobramento de possibilidades se constitui, é **preendida**, é **apreendida** como consciência – consciência pré-reflexiva, e pré-conceitual, pré-teorética, pré-comportamental. O modo implicativo de sermos é um modo de sermos, assim, *com(a)preensão*, é o modo de sermos da **compreensão**, o modo **compreensivo** de sermos. A compreensão caracteriza o modo implicativo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos.

Dilthey designa a compreensão e este modo implicativo de sermos como **vivência**.

A *vivência* é o modo fenomenológico existencial, dialógico, e ontológico de sermos. Modo implicativo e compreensivo de sermos. A vivência se constitui específica e intrinsecamente em consciência – consciência compreensiva, compreensão. E em vivência do desdobramento de possibilidades, que é a ação. A vivência fenomenológico existencial e dialógica, concomitantemente, se constitui, assim, como compreensão e ação, atualização. Como a consciência do ator.

A consciência vivencial, compreensiva, fenomenológico existencial, dialógica, é **pré-reflexiva, pré-conceitual, e pré-comportamental**. Na medida em que é um modo de sermos que se dá anteriormente ao modo de sermos da reflexão, e ao modo de sermos do comportamento. Ainda que a eles se destine.

Assim, o modo de sermos do *comportamento*, da atividade padronizada e repetitiva, também se constitui posteriormente ao modo compreensivo de sermos. Assim, este modo compreensivo, vivencial, além de pré-reflexivo, é pré-comportamental.

Como vimos o modo compreensivo de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, é o modo de sermos do ator, modo de sermos da ação, na medida em que é modo de sermos da vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades.

4. IMPLICATIVO II. Ação. Possibilidade.

A intrínseca impregnação pela possibilidade, pelo desdobramento compreensivo, implicativo, da possibilidade, da vivência pré-reflexiva; a possibilidade em desdobramento: Ação.

O modo fenomenológico existencial de sermos, implicativo, compreensivo, pré-reflexivo, pré-conceitual; e, ainda, pré-comportamental, ontológico, é, na duração de sua momentaneidade instantânea, todo ele **Ação**.

Ou seja, é assim, este modo de sermos, porque todo ele é impregnado pela possibilidade. A vivência de possibilidade é a vivência de força, que somente existe no seu exercício e desdobramento. Força que é, assim, a possibilidade é, sempre, desdobramento. E é este desdobramento da possibilidade que é a **Ação**. Por um momento, esqueçamos assim o sentido vulgar de *possibilidade*. No sentido que aqui nos referimos, possibilidade é toda a força daquilo que pode acontecer, enquanto vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica – enquanto **Ação**.

Intrínseca e inerentemente, a **Ação**, o desdobramento de possibilidade, se constitui como consciência pré-reflexiva; como consciência compreensiva, fenomenológica, existencial, dialógica; como compreensão. E é, eminentemente da ordem da *implicação*. A vivência do processamento da ação, como desdobramento de possibilidade, é, sempre, assim, *implicativa*, e *compreensiva*.

A **Ação** pode ser:

- (1) **meramente** – simplesmente -- **compreensiva**, ou
- (2) **compreensiva e musculativa, material**.

É **meramente compreensiva**, quando se dá como desdobramento de possibilidade ao nível meramente da compreensão, não implicando em musculação significativa. É **compreensiva e musculativa** quando, desdobramento, implicativo, compreensivo, de possibilidades, envolve, também, de modo significativo, a mobilização muscular, a *musculação*.

5. IMPLICATIVO III. Intensionalidade.

Tensão da força da possibilidade em seu desdobramento. A vivência Intensional do modo pré-reflexivo de sermos, como vivência fenomenológico existencial tensa, intensional, do desdobramento de possibilidades: da ação. Vivência do 'acontecer'.

Como vimos a vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, é um modo de sermos que se dá anteriormente à dicotomia sujeito-objeto. Como modo de sermos do *acontecer*, é vivência do desdobramento da dinâmica da dialógica eu-tu, como desdobramento de possibilidade, como ação, eminentemente compreensiva.

O modo de sermos no qual vigora a dicotomização sujeito-objeto, constitui-se a seguir, em decorrência da instantaneidade momentânea do modo de sermos do *acontecer* – própria e especificamente como modo de sermos do *acontecido*.

O modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial, modo de sermos do *acontecer*, é, assim, o modo de sermos da *pré ação*, da *inter-pret-ação*; da *ação*, propriamente dita; como vivência da emergência *pré compreensiva*, e desdobramentos *compreensivos*, das possibilidades.

Na medida em que a vivência da possibilidade, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, de sermos, é, a cada momento, a vivência de uma força em desdobramento -- a vivência da possibilidade em desdobramento, a vivência da ação – a vivência deste modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial de sermos, é uma vivência *tensa*, é uma vivência de *tensão*. *Intensional*, portanto – na (des)medida da tensão do desdobramento da força da possibilidade. A vivência deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo, modo de sermos da ação, é, assim, uma vivência *intensional*. Vivência da *tensão*, da *tensionalidade*, da *intensionalidade da experimentação da força da possibilidade em seu desdobramento*. A *tensionalidade*, a *intensionalidade compreensiva da ação*.

A *intensionalidade*, compreensiva, é, portanto, uma característica intrínseca à vivência da momentaneidade instantânea da ação, da interpretação compreensiva, fenomenológico existencial; a *intensionalidade compreensiva* é intrínseca à instantaneidade momentânea do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, modo de sermos implicativo, e compreensivo. Modo de sermos da ação, da interpretação, fenomenológico existenciais, compreensivas.

6. IMPLICATIVO IV. PLeXo de Possibilidades.

*Na vivência fenomenológica, compreensiva, e não explicativa, implicativa, as possibilidades são sempre múltiPLas, e se organizam em ação, no seu desdobramento, como a **dominância** da competição das forças de sua multiPLicidade de possibilidades, como um PLeXo, de possibilidades. A **Implicação** é sempre a vivência de um **plexo**, de uma multiplicidade, de possibilidades, a implicação é sempre **vivência da implexação**.*

A vivência de possibilidades, no modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos -- modo im**PL**icativo de sermos --, é, sempre, a vivência de uma multi**PL**icidade, de uma **PL**uralidade de possibilidades.

Cada um das possibilidades desta multi**PL**icidade é uma força, em desdobramento ativo, pré-compreensivo. E que pode se constituir compreensivamente.

Cada uma das possibilidades é, ela própria, constituída por uma multi**PL**icidade de possibilidades, ativas, e ação, em seus desdobramentos, e assim sucessivamente. Isto é a vivência *Gestáltica*, a Gestaltética, a gestaltação, a *Gestática*.

A vivência desta multi**PL**icidade de possibilidades figura e se configura, fulgura, como vivência de um **PL**exo de possibilidades.

Na vivência do **PL**exo de possibilidades, a multi**PL**icidade de possibilidades ativas organizam as suas atividades sob a forma de uma *dominância*. Esta *Dominância* constitui o curso compreensivo do desdobramento da ação particular, a partir da organização de cada uma, e do conjunto, das possibilidades constituintes da multiplicidade, e da competição entre elas.

A vivência de possibilidades, assim, no modo fenomenológico existencial e dialógico, im**PL**icativo, é sempre, em sua multi**PL**icidade **PL**ural, a vivência de um **PL**exo, de uma multiplicidade, de possibilidades, articulado e organizado no curso de seu fluxo de ação como uma dominância particular, para a qual converge a atividade de cada possibilidade ativada. É a vivência do curso desta dominância, compreensiva, ativa, implicativa, que entendemos como **Gestalt. Gestaltação**.

A vivência do *plexo*, assim, é eminentemente ativa, é ação.

7. IMPLICATIVO V. Plexo. Implicação.

*ImPL*exação, *ImPL*icação. A vivência fenomenológico existencial como vivência da dominância da ação de um *Plexo*, de uma multiplicidade organizada, **Gestalt**, de Possibilidades,

Absorvidos na vivência do desdobramento do plexo das possibilidades, absorvidos no desdobramento da ação, da atividade, absorvidos na ação, do **PL**exo -- atividade compreensiva, compreensivamente figurativa, e fulgurativa, fulgurante, e motiva, emotiva, ação, interpretação, fenômeno-logos, em suas intensidades plásticas próprias --, estamos **imPL**exos, estamos *imPL*exados. Estamos *implicados*.

Este é o sentido do termo **imPLicação**. O sentido de que estamos **imPLICados**. Estarmos absorvidos no desdobramento pré-reflexivo, compreensivo, fenomenológico existencial e dialógico. Desdobramento da ação do plexo de possibilidades.

Ou seja, a **Implicação** é a vivência momentânea instantânea, os momentos da experiência, e da experimentação, do modo de sermos, compreensivo -- pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógica -- da ação. A vivência compreensiva do desdobramento da ação é a vivência do desdobramento da dominância da atividade de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades.

E é o que chamamos de **Implicação**.

8. IMPLICATIVO VI. Gestalt.

O termo **implicação** remete ao caráter própria e especificamente gestáltico deste modo vivencial, e implicativo, de sermos. O caráter gestáltico de vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva – (1) *meramente compreensiva*, ou (2) *compreensiva e muscular*. Vivência, compreensiva, da *dominância* do desdobramento, ativo, ação, da multiplicidade da pluralidade de um plexo de possibilidades.

A *implicação* é, assim, a vivência compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica, gestáltica, inerente ao processamento da ação, como desdobramento de possibilidades.

É a vivência, mais ou menos, organizada da multiplicidade de *plexos possibilidades*.

O *Plexo* é a **dominância** da organização das atividades das várias possibilidades, vivenciadas como o fluxo da ação. A vivência compreensiva desses plexos, organizados como a dominância do curso, do *percurso*, da ação são as *gestalts*. E são *implexão, implicação*.

Na vivência pré-reflexiva da ação, as possibilidades, como vimos, são sempre múltiplas. E organizam a multiplicidade do seu desdobramento numa dominância, que é o curso compreensivo da ação. Esta organização da dominância do plexo de possibilidades -- *um todo que é diferente da soma de suas partes; uma totalidade significativa, que aparece, antes, como totalidade; e que só em seguida as suas partes vão se desdobrando figurativamente* – é o que chamamos de *Gestalt*.

Mais organizada, mais integrada, gratuita, desproposita, intensa, graciosa, e fluída, nos modos ótimos de nossa vivência. A vivência gestáltica é fenomenológica, e existencial.

De modo que a vivência *gestáltica* – que é eminentemente ação, *eminente gestaltação*, sempre – é a vivência *implicativa*, a vivência da *implicação*. Ou seja, a vivência pré-reflexiva, compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, ativa, do desdobramento da dominância de um plexo de possibilidades – vivência compreensiva, gestáltica, do desdobramento da ação.

Caracteristicamente, assim, a vivência da ação -- a vivência fenomenológica e existencial, a vivência da implicação, a vivência do que chamamos de interpretação *fenomenológico existencial*, compreensiva -- é a vivência gestáltica, vivência da gestaltação.

Assim, a vivência gestáltica, compreensiva, é a vivência de uma totalidade significativa, ativa, portanto, em que o fluxo do desdobramento das possibilidades, e da dominância delas

(1) Constitui-se compreensivamente. Como consciência pré-reflexiva, fenomenológica e existencial. Como a vivência do desdobramento de possibilidades, que é a ação; a interpretação *compreensiva*. Fenomenológico existencial.

(2) A vivência gestáltica da ação, da implicação, por sua qualidade específica e intrinsecamente gestáltica, é a vivência compreensiva de uma totalidade significativa processual que, enquanto totalidade, é composta por uma multiplicidade de partes. Partes estas própria e especificamente gestalts, também.

(3) Caracteristicamente, a vivência gestáltica dá-se, como totalidade compreensiva, anteriormente à configuração de suas partes. As partes, totalidades significativas cada uma delas, gestalts, possibilidades, podem então figurar, a seguir, de um modo ativo, paulatina, compreensiva, e particularmente; sempre na dinâmica de suas relações com o todo.

(4) A totalidade significativa das gestalts é diferente da soma de suas partes, sendo a sua articulação dinâmica, e ativa, o que lhe confere o seu sentido e o seu caráter.

9. IMPLICATIVO VII. *Compreensão.*

Com apreensão – ou seja, com a constituição como consciência pré-reflexiva -- do desdobramento da possibilidade: do desdobramento da Ação. A Ação como Compreensão. O aspecto cognitivo da Ação. A Ação como conhecer. Uma Ciência compreensiva. Estética.

A ação é implicativa, e *compreensiva*.

A ação inexistente na explicação. A **ex-plicação** não é o modo ativo de sermos. Não é igualmente o modo de compreensivo de sermos. É o modo teórico de sermos. E o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, o modo comportamental de sermos.

Ação e comportamento são, pois, dois diferentes modos de sermos. A *ação* não é *comportamento*.

A *ação*, implicativa, consciência compreensiva, ontológica. Modo de sermos do acontecer. O *comportamento*, atividade padronizada e repetitiva, no âmbito do modo de sermos do acontecido.

A *ação*, que é compreensiva, e implicativa, própria e especificamente poética, estética, distingue-se do modo teórico de sermos, da teórica. Na medida em que o modo teórico de sermos é reflexivo, e conceitual. Não implicativo, portanto. Dá-se, pois, no modo de sermos do acontecido. A *ação*, e a compreensão que é a sua dimensão cognitiva, pré-reflexivas, e pré-conceituais, são da ordem do processo do acontecer.

Assim, a *ação*, a vivência do desdobramento da possibilidade, a *interpretação* fenomenológica, própria e especificamente se constituem como conhecimento. Ou seja, intrinsecamente, o desdobramento da possibilidade, a *ação*, se constitui como cognição, como conhecer, como consciência pré-reflexiva. Esta consciência pré-reflexiva em que se constitui a possibilidade, no fluxo de seu desdobramento, a *ação*, dá-se, ao nível cognitivo, como **Compreensão**, como **consciência compreensiva**. Que é da ordem da **Implicação**. (E não da *Explicação*).

Assim, a **Compreensão** é um conhecer, e um conhecimento, especificamente *implicativos* -- e não um conhecimento explicativo, *teórico*. *Éconhecimento ativo, pré-reflexivo e pré-conceitual. Estético. E poético*. O conhecer especificamente do *ator* – e não do espectador (teórico).

Assim, o desdobramento da possibilidade, como vivência do desdobramento da *ação*, da interpretação fenomenológica, se constitui como consciência pré-reflexiva, implicativa. Ou seja, é apreendida como consciência pré-reflexiva, implicativa. De um modo tal, que a vivência do desdobramento de possibilidades dá-se *com(a)preensão consciente*. É, portanto, própria e especificamente *compreensivo*. É, portanto, própria e especificamente, **compreensão**.

10. IMPLICATIVO VIII. Fenômeno. Fenomenologia.

Heidegger[3] observa que o fenômeno da *Fenomenologia* é o que *explicitamente se mostra em si mesmo – o que em si mesmo se mostra, nas formas da intuição.*

Na intuição, pré-reflexiva, o fenômeno se constitui, e devém, porque *pode* se constituir e devir. Especificamente, assim, porque é *possibilidade*, potência, para tal.

A possibilidade, a dominância do desdobramento de possibilidades, se constitui como consciência pré-reflexiva, se constitui como compreensão. Como a ação que o constitui, o fenômeno é, especificamente, compreensivo. Como sentido, como *logos*. *Logos* que, ainda na linguagem de Heidegger, é *fala* do fenômeno. *Que torna patente aquilo de que se fala.*

O fenômeno é, assim, a ação. E é a possibilidade, em seu desdobramento, que se constitui, compreensivamente, como consciência pré-reflexiva.

O fenômeno e o seu *logos* são assim compreensivos e implicativos. São vivência pré-reflexiva, e pré-conceitual.

A metodologia fenomenológica centra-se, pois, em privilegiar a experiência e a experimentação pré-reflexivas, compreensivas, e implicativas, como modo próprio de sermos do desdobramento das possibilidades, da ação propriamente dita.

11. IMPLICATIVO IX. Ação. Inter-pret-ação, compreensiva.

O significado mais comum do termo ***interpretação*** é o de seu sentido *explicativo*, o seu sentido como *interpretação explicativa*. Este sentido explicativo não é o único do termo *interpretação*. O sentido originário do termo é o seu sentido próprio e especificamente *implicativo*. E, portanto, própria e especificamente ***compreensivo***. **O sentido da *Interpretação Compreensiva, Implicativa, fenomenológico existencial, e dialógica.***

Quando nos referimos ao modo *implicativo* de sermos, quando nos referimos ao modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, quando nos referimos ao modo ativo, gestáltico, e performático de sermos, referimo-nos, especificamente, à modalidade da interpretação fenomenológico existencial, própria e especificamente compreensiva, e implicativa, naturalmente. Forma do acontecer. E não do acontecido. Forma da ação. A nossa modalidade de ser do ator. E não do espectador, como o é o modo de sermos da interpretação explicativa.

A vivência do desdobramento implicativo, e compreensivo, de possibilidades, assim, a ação, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, compreensiva. E é a ***Interpretação*** própria e

especificamente **fenomenológica** – a interpretação fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, compreensiva.

A raiz **inter** do termo **inter-pret-ação**, da interpretação fenomenológica -- compreensiva, implicativa, e não ex-plicativa -- se refere ao caráter especificamente dialógico da interpretação fenomenológica, implicativa, e compreensiva. Ou seja, refere-se ao aspecto de que, na vivência da ação, como desdobramento de possibilidades, as possibilidades são vivenciadas, em seu desdobramento, sempre, como a alteridade radical do **tu** de uma dialógica **eu-tu**.

A *inter-pret-ação* é dialógica na medida em que, especificamente *compreensiva*, e *implicativa*, a possibilidade é a alteridade radical de um *tu* de nós próprios, que *inter-age* com o *eu* de nós próprios, no percurso vivencial *compreensivo* e implicativo de seu desdobramento. Como ação, especificamente, portanto, no processamento de uma dialógica eu-tu de compartilhamento compreensivo, implicativo, e *dialógico*, de sentido.

Surgida nos níveis mais originários da vivência fenomenológica compreensiva, a possibilidade, em seu desdobramento, é intuída como gestalt ainda pré-compreensivamente. Ou seja, é intuída nos níveis mais originários da *pré-compreensão*, e da *pré-ação*, da ação. O desdobramento da vivência de possibilidades, a ação, é movimento vivencial que, da *pret-ação*, se direciona inevitavelmente para a ação; do pré-compreensivo, se tensiona no sentido da compreensão, no sentido da constituição do desdobramento da ação. Dialógica, em suas origens, e ao longo de seu desdobramento, a ação é *Interpretação Fenomenológica*.

A **Hermenêutica** é a **arte da interpretação**.

De modo que, interpretação fenomenológica, a ação é fenomenológico existencial hermenêutica. Uma hermenêutica própria e especificamente compreensiva, e implicativa, fenomenológico existencial, na momentaneidade instantânea do seu desdobramento, ativo, e compreensivo. E não explicativa.

Como *Hermenêutica*, a ação, a interpretação fenomenológica, desdobra, atualiza a possibilidades. Possibilidades que, na vivência fenomenológica, compreensiva, implicativa, emergem do *Ser*.

O *Ser* é a *fonte do possível*, a fonte da possibilidade, cujo desdobramento se dá vivencialmente, compreensiva e implicativamente, e que fenomenológico existencialmente nos constitui, e constitui o mundo que nos diz respeito.

De sua emergência, transitando como o seu devir, a atualização da possibilidade, a ação, compreensiva, se traduz terminalmente na coisa, no acontecido. Pelo dispêndio de sua potência no desdobramento de

seu *acontecer*. A vivência deste desdobramento é assim a interpretação compreensiva, implicativa, fenomenológico existencial.

Esta *interpretação* da possibilidade na ontidade da coisa, este dispêndio da força do possível (ontológica), é que é a *Hermenêutica*, a *arte de Hermes*.

Hermes é o personagem da mitologia Grega encarregado de *interpretar* para os humanos a linguagem dos deuses do Olimpo. Sendo, por isto, considerado o *intérprete* por excelência.

Heidegger diria que o homem é o ser intérprete por excelência; ou seja, o homem é o ser hermenêutico por excelência (no sentido existencial, de que a sua existência é hermenêutica). Na medida em que interpreta o possível em ação, na medida em que interpreta, ontologicamente, a possibilidade, ontológica, como ação compreensiva, no modo ôntico de sermos da coisidade. Na medida em que a sua existência transita, como devir intensional, compreensivo, da vivência do acontecer do desdobramento da possibilidade, para a experiência coisificada e objetiva do acontecido, ôntico.

12. IMPLICATIVO X. Estética.

O *Estésico* é um vento que sopra na Grécia, numa determinada fase do ano. É a moção que impulsiona as velas dos navios, para que eles se façam ao mar. Filósofos e marítimos, os Gregos perceberam que o modo de sermos da sensibilidade, o modo originário de sermos, vivencial, o modo pré-reflexivo de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico, implicativo, o modo ativo de sermos, também é impulsionado por uma moção, por uma força impulsionante, a **possibilidade**, em desdobramento. Que é moção, performativa, compreensiva, da ação, da implicação.

De tal forma, que designaram como *estesia* a este modo sensível, fenomenológico existencial dialógico, compreensivo, implicativo de sermos que é o modo de sermos da vivência do desdobramento da possibilidade, o modo de sermos da vivência da ação.

Parestesias, somos alternativamente, também, os modos não implicativos, explicativos, de sermos. O modo teorético, e o modo comportamental de sermos.

Cada modo destes configura o modo de sermos de uma ética.

Temos assim a *teorética*. A *ética comportamental*. Que são éticas explicativas. E temos a ética deste modo fenomenológico existencial e dialógico, implicativo, modo ativo de sermos, que é o modo estésico de sermos. E que é o que chamamos de *estética*.

Os modos teorético, e o modo comportamental de sermos, explicativos, não são estéticos.

O que caracteriza a estética é a sua constituição como vivência, como experiência e experimentação pré-reflexivas, pré-conceituais, implicativas. Que são vivências do desdobramento de possibilidades, vivências do desdobramento da ação.

13. IMPLICATIVO XI. Poiese. Poiético, Poiética.

O prefixo Grego **poi** refere-se a *força*. É assim que ele está em *potência, poder, possibilidade, poiese, poiético, poiética*. Refere-se ao modo estético de sermos. *Pré-reflexivo, Implicativo, compreensivo, fenomenológico existencial, dialógico, poiético*. Refere-se, em particular, à força característica que intrinsecamente impregna a totalidade deste modo de sermos, a cada momento de sua instantaneidade momentânea. A força da possibilidade, do plexo de possibilidades, em seu desdobramento compreensivo, que é a ação.

O modo *poiético* de sermos é, portanto, o modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que se constitui como o desdobramento criativo da força da possibilidade, em seu processamento compreensivo de devir criativo.

A *poiética* é a *ética da poiese*. Ou seja, a momentaneidade instantânea da vivência, da habitação, neste modo implicativo, fenomenológico existencial e dialógico de sermos. A *poiese* é a vivência criativa, ativa, atualizativa que se dá como desdobramento da possibilidade, como ação, implicação, neste modo de sermos.

14. Explicativo 3. A Coisa e a re-flexão sobre a coisa. A re-petição da coisa.

O caráter inintensional, não tensional, da consciência e do modo explicativo de sermos, modo de sermos reflexivo, teórico; e modo comportamental de sermos.

O modo explicativo de sermos – o modo teórico, e o modo comportamental de sermos – não é tensional, não é intensional. É ex-tensional.

No modo *explicativo* de sermos não vivenciamos possibilidades, não vivenciamos o desdobramento compreensivo de possibilidades. Não vivenciamos o acontecer, não vivenciamos compreensivamente a ação. É o modo de sermos do acontecido, e da realidade.

Não vivenciamos assim, neste modo de sermos, a *tensionalidade própria da presença* da vivência da possibilidade, e de seu desdobramento.

Não vivenciamos a ação compreensiva, a interpretação *compreensiva*, em sua tensionalidade, em sua *intensionalidade própria*.

O modo *implicativo* de sermos, modo fenomenológico existencial e dialógico, modo ontológico de sermos, é o modo de sermos do desdobramento de possibilidades, da ação. O modo de sermos da nossa condição de atores, modo *implicativo* de sermos. Que, além de ser o modo compreensivo de sermos da ação, é o modo de sermos do *acontecer*.

Como o modo *explicativo* de sermos não é o modo de sermos no qual vivenciamos possibilidades, e o desdobramento de possibilidades, na compreensiva da ação, os momentos de sua experiência não são momentos do *acontecer*. Mas momentos do *acontecido*. E da realidade. A realidade, em sua coisidade objetiva de acontecido. Realizada, *atualizada, acontecida. Instalação, instalada*. Momentos nos quais o processo de vivência do desdobramento das possibilidades, a ação, e o acontecer, já se esvaíram. Da mesma forma que já se esvaíram a tensão, a tensionalidade, a intensionalidade a eles correspondente. E nos quais elas não mais vigoram.

A instalação da realidade, o acontecido, são momentos do modo explicativo de sermos, momentos nos quais vigora a experiência da instalação do ente, da instalação da coisa, enquanto acontecidos. E, momentaneamente não tensionais.

Até que, novamente, a ação possa vir a infundi-los de possibilidades e de presença, de atualidade, e vir a tensioná-los com o desdobramento de possibilidades, com a ação, a atualização.

O modo explicativo, de sermos, não implicativo – o modo teórico, e o modo comportamental de sermos --, modo igualmente não tensional de sermos -- é, assim, um modo *inintensional*.

Diferentemente do modo implicativo de sermos, que é caracteristicamente, intrínseca, e eminentemente, um modo *tensional, intensional*, de sermos.

[1] BUBER, MARTIN

[2] Dilthey, W.

[3] HEIDEGGER, EL SER Y EL TIEMPO, PP. 39-49.